

Profissão

Jornalismo livre

Os debates patrocinados pela Folha sobre a obrigatoriedade de diploma universitário específico para o exercício da profissão de jornalista, ontem e hoje no auditório deste jornal, constituem mais uma oportunidade de demonstrar a urgência de uma revisão profunda de normas que têm sido prejudiciais não apenas a uma categoria profissional, mas sobretudo à sociedade como um todo.

De fato, a reserva de mercado para os diplomados em escolas de Comunicações teve consequências não menos que nefastas para a qualidade do jornalismo brasileiro, ou seja, para a qualidade das informações oferecidas diariamente a todo cidadão. A afirmação de Osvaldo Peralva, membro do Conselho Editorial da Folha, de que "a maior parte dos formados por essas escolas não passaria num teste em qualquer jornal de alguma seriedade" é comprovada cotidianamente nas grandes redações do país.

Diante disso, restam aos defensores do "status quo" argumentos

cada vez mais escassos e frágeis, repetidos em tentativas vãs de tapar o sol com a peneira. Ouvem-se, assim, denúncias de "conspirações internacionais" contra o diploma de jornalismo —tão imaginosas quanto tolas— e comparações entre a exigência de diploma específico para que se exerça aquela profissão e a existência de normas semelhantes para a Medicina e o Direito, num paralelo cujo absurdo é proporcional apenas ao desespero, ou à ingenuidade, dos que a ele recorrem como última tábua de salvação.

Há poucas dúvidas de que o jornalismo brasileiro só será efetivamente crítico e analítico, para além da mera superficialidade noticiosa, quando especialistas de outras áreas do conhecimento disputarem, em igualdade de condições, os espaços nos jornais. Chegará, então, a hora da verdade para as escolas de Comunicações, que terão de provar, sob o estímulo da concorrência, sua capacidade para formar jornalistas competentes e à altura de suas responsabilidades sociais.

FOLHA DE SÃO PAULO